

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

MEMORIAL

Proprietária

ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretario de Redacção

OCTAVIO SÉRGIO



Intercâmbio Luso-Galaico

(A propósito da conferência que realizou em Vigo o Sr. Dr. Joaquim Manso sobre Ramalho Ortigão).



OCTAVIO SÉRGIO
Vigo, 1933

— Dime, quien es Ramalho Ortigao, de quien habló Joaquim Manso?
— Yo no soy mas que uno que vim al «partido» de futbol.

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração, Rua do Almada, 107-2.º Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na Imprensa Portuguesa, ::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

VERMOUTH MARTINI



Ex.^{mos} Senhores:

Já provaram o VERMOUTH MARTINI?

O famoso VERMOUTH já se encontra nos principais Cafés, Bars, Restaurantes, etc.

Experimentem este delicioso aperitivo

CÁLICE 1\$50



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Eu lembro-me ainda de ver, no tempo em que, rapazote de dez anos, fui estudante em Braga, os velhos judeus do Bom Jesus do Monte que por aquele escadório acima, e dentro de musgosas capelinhas, infligiam tratos de polé ao doce Cristo. Eram feios, rebarbativos, antipáticos, adrede cinzelados assim pelos escultores para incutirem no ânimo do povo a repulsão que mereciam.

Fixaram-nos um belo dia, e substituíram-nos por outros de maior beleza fisionómica. Quando, muitos anos depois, voltei ao Santuário, já os não encontrei. Falou-me de êles, apenas, o formoso livro de Antero de Figueiredo — *Recordações e Viagens*, que eu tinha levado para ler naquela admirável estância de repouso. E já ninguém de-certo se lembra hoje dos esquipáticos judeus, —nem mesmo os velhos que na sua mocidade os alvejavam com pedras e terrões, quebrando-lhes os dedos e os narizes, em revindita do mal que tinham feito ao Salvador do Mundo.

Lembrei-me eu agora, ao ler nas fôlhas a perseguição aos semitas, desencadeada na Alemanha sob o comando de Adolfo Hitler. Seria cómica, se não tivesse por vezes laivos de intensa tragédia, semelhante fúria. Que mal teriam feito os pobres judeus ao conservantismo germânico, —êles que são igualmente alemães, —mais alemães que o próprio Hitler, que por sinal é austriaco? Os judeus possuem hoje, todos, uma nacionalidade. São ingleses os que vivem na Grã-Bretanha, franceses os que moram em França, portugueses os que habitam em Portugal, norte-americanos os que mourejam nos Estados-Unidos. A própria pureza da raça extinguiu-se com os multiplos cruzamentos, efectuados através de séculos. Raro é hoje o cristão que não tenha no sangue glóbulos de judeu, como é raro o judeu que não tenha glóbulos de cristão. Sabe lá o mesmo Hitler se o seu sangue é por tal forma lídimo que lhe não gire nas veias um pouco de plasma hebraico?

Seja, porém, como fôr, o certo é que aos chamados judeus alemães ninguém lhes pediu a certidão de origem quando, há dezanove anos, os enquadram nos regimentos que marchavam para a fronteira e os mandaram morrer pela Alemanha. Então, eram germanos genuínos. Tampouco o estado cura de

investigar a ortodoxia da sua costela hereditária para os onerar de impostos. Pensa agora nisso para os boycotter, os exilar e se apoderar da sua riqueza. Já que não aceitam a cruz de Cristo, hão de carregar com a cruz suástica, sem haver Cireneu que lhes valha... E o pior é que os pobres dos judeus teem de curvar a cabeça, com resignação cristã, —enquanto o chanceler Hitler vai perpetrando estas e quejandas judiarias.

Dá-se isto, presencia-se isto, em pleno século XX. O século XIX foi, como os leitores sabem (quanta vez lho tem dito Leão Daudet pelo porta-voz do sr. João Ameal!) profundamente estúpido. Inteligente, genial, êste em que nos encontramos e que dá de quando em quando fortes arrancos para a rectaguarda, na mira de atingir a perfeição medienal. Regressamos à era das perseguições colectivas. Se há crise económica, se a peste assola por vezes um outro país, a culpa é dos judeus. Tôdas as desditas da Alemanha, segundo Hitler, proveem da raça hebraica. Vá de expulsar os judeus, portanto. Uma vez limpa a Alemanha de tão nefastos indivíduos, a nação entrará nos eixos de per si. Falta apenas um pequeno suplemento, fácil de realizar: a expulsão dos católicos. Porque para lá vamos. Depois de ter mordido nos judeus, já o grande chanceler arreganha os dentes ao catolicismo, —que há de levar a sua pancada também. E em seguida será o reinado de Astreia, só com os protestantes, que nessa altura terão de mudar de nome, —por já não haver quem proteste.

E Einstein?

O grande sábio — um dos primeiros, hoje, em todo o mundo — demitiu-se dos seus cargos oficiais. Em paga, Hitler condenou-o ao exílio e confiscou-lhe os bens.

Exílio... confisco... Cá torna a Idade Média!

Pregunto a mim mesmo se não haverá manicómios na Prússia. Einstein, o homem que enche toda uma época científica e faria por si só a glória

de uma nação, está condenado, pelo governo dessa mesma nação, a viver no destêrro e na pobreza. Já a Bélgica, a Dinamarca, a Suécia e a a Checo-eslováquia o chamam para o seu seio, oferecendo-lhe em qualquer das suas Universidades a cadeira que melhor lhe quadrar. Por seu turno, a Alemanha expulsa-o. E o senhor Hitler não se lembra de que já ninguém há de falar do actual chanceler alemão, nem mesmo a História, e ainda o nome de Einstein há de ser citado e louvado muitos séculos depois.

...A não ser que o senhor Hitler consiga a restituição das colónias surripiadas pelo tratado de Versalhes. E bem as precisa a Alemanha. Caso contrário, de aqui a dois ou três anos há de ver-se atrapalhada, por não ter para onde degradar o seu actual chanceler...

Marcial JORDÃO.

“Inzactamente,,!”

Ao apreciadíssimo «Êletê».

Eu, que também já *gramei*
Uma *bela* pleurisia,
Muito melhor que outro sei
O que custa essa arrelia.

Se houve praga — o que não creio,
Só foi de algum caciano,
Que, mordendo, irado, o freio,
Julgou causar-lhe algum dano.

Todos os fixes da RITA
Lêem sempre com agrado
A sua prosa erudita
E o seu verso burilado.

Quando a Parca, em seu adejo,
O levar p'ra os seus arcanos,
— Resolução que desejo
Demore inda muitos anos —,

Disponha de alguns minutos,
Mesmo lá no outro mundo,
P'ra nos enviar os frutos
Do seu saber tão profundo.

BISNAU.

Balancete da semana

Lá estive, em Vigo... Grandiosa coisa!
Nunca vi reunida tanta gente,
— gente que nem dormita nem repouso,
que anda e se mexe interminavelmente.
Desde a colina abrupta do Peñon
até às alamedas junto à ria,
tudo folgava: gente do bom-tom,
da plebe, da nobreza e burguesia.
Que eu não sei se, depois de proclamada
a república em Espanha, inda há nobreza
nessa nação heróica e sublimada
com quem tivemos grande luta acesa.
Hoje, o contrário: os meigos lusitanos
metem no coração *nuestros hermanos*,
e quanto a guerra, vimos simplesmente
o ilustre Sanchez Guerra,
secretário do nobre Presidente,
dando vivas sem fim à nossa terra.
Desconfio que quem tem provocado
tão funda estima e tão intenso amor
é o nosso doutor
Bernardino Machado:
tudo cordealidade, e da melhor.
Lá estava no *foot-ball*,
de fraque azul e de cabeça ao léu,
sempre a tirar, sem ter receio ao sol,
a todos que passavam, o chapéu.
Assim, em tais andanças,
por entre a animação dos forasteiros,
beijou três mil crianças
e abraçou mil e vinte cavalheiros!
Isto aos oitenta-e-dois!
Que homem fenomenal!
Como não hão-de pois
os gratos espanhóis
amar do coração a Portugal?

*
Não houve lusitano
que ao cabo de três horas
não empregasse o idioma castelhano
falando com senhoras.
— *Qué guapa, madre mia! Qué chiquita!*
— *Qué hermosos ojos tiene, señorita!*
— *Ay! me muero de amor!*
Frases de uma doçura ultrainfinita,
e outras de igual teor.
Português, não falavam. Não obstante,
ao pagarem as contas dos cafés,
do *sastre*, dos hotéis, do restaurante,
diziam uma frase em português.
E que frase, senhor! Tão rude e brava,
tão arrastada e de tal modo informe,
que a gente que a escutava
supunha que na rua transitava
de artilharia uma carreta enorme!

*
A parte êste senão,
foi gostosa a função,
foi mesmo de encantar,
— salvo as três horas sôbre a grande ponte,
na escuridão, sem luz nem horizonte,
à espera de passar.
Aqui te juro, meu leitor amigo,
que ninguém mais — ninguém! — me apanha em Vigo
senão indo por mar!

Paz a potes! Liverdade e Fróternidade

Estamos na época dos *abaixos*. Quando
os países deveriam erguer-se bem alto e des-
que todos se levantassem ao nível máximo.
Humanidade, da Inteligência, dos princípios
e democráticos, da igualdade e da fraternidade
entre os povos, — é precisamente quando em
todos no grande concôrto da pancadaria,
cutando a quatro pés a turbulenta marcha
Abaixos!

Abaixo os jesuítas! — grita a Espanha.
Abaixo a burguesia! — berra a Rússia.
Abaixo a China! — refila o Japão.
Abaixo a Colombia! — canta o Peru.
Abaixo o Paraguai! — geme a Bolívia.
E, no meio destes *abaixos* todos é
outros mais *abaixos* que abaixo se verão,
o grande director da orquestra Von Kaiser,
em mangas de camisa... parda, a revolução
sinfonia «Abaixo os judeus!» — que é a
judiaria que se tem tocado desde que o
é mundo!

Teatro e Bolas Companhias e Teams

3 a 0. Hein, que tal?
Não há ninguém que ganhe ao Zamora
que é presidente da república.
Não agradamos, o que não é para admirar
em virtude do Companhia não ir completa.
Faziam parte do *team* o Alvaro Pereira,
Carlos Alves, o que quer dizer que ficaram
contrato o Ghira e o Ruas, que tinham trabalhado
com aqueles na época que findou, no teatro
Alberto.
Ora com elencos mal organizados não
possível ganhar dinheiro.
Quem nos havia de dizer que havíamos de
o Alvaro Pereira e o Carlos Alves «asse-
futebol?!
E não é para admirar que, qualquer dia,
apareça o Waldemar a fazer o *compère* da
revista e o Pinga a desempenhar rúbulas um
ou quanto *off-side!*...

Perdemos porque não ganhamos Ou não ganhamos porque perdemos

Mas, afinal, porque é que *nós* perdemos?
não perdemos nada, porque quem perdeu...
os que jogaram).
Sim, porque perdemos?
Dizem uns que perdemos... porque não
nhamos. Mas há outros que dizem precisamos
o contrário! — que não ganhamos porque
demos!
Será possível? Eles lá sabem!
O que parece estar provado é que se
(cá está outra vez o *nós*) tivéssemos metido
três *goals* e a Espanha não nos furasse as
quem tinha perdido era ela.

*
Discutia-se o assunto num grupo de amigos
entre o qual se encontrava o nosso primo Dr.
fredo de Magalhães.
Estava-se nas desculpas do falhanço, gan-
ram por isto, perdemos por aquilo, etc., que
S. Ex.^a disse com um sorrizinho significativo:
— Porque perdemos? Essa é boa! Então
sabem que o Dr. Bernardino Machado assistiu
desafio?...

Fazer circular a MARIA RITICE
mesmo dada ou emprestada, é obri-
gatório para a sua expansão sem
:: :: :: :: em aumento :: :: ::

Dr. Carlos Santos

Como prometeramos nos números passados, damos hoje à estampa a carta que recebemos do illustre autor de «Como eu vi a Espanha», a-pesar-de sua Excelência não pedir «uma rectificação».

Ex.^{ma} Sr. Heitor Campos Monteiro, illustre Director do Semanário MARIA RITA:

A posição que ocupo na sociedade, embora modesta, tem o seu prestigio ligado ao duma classe que me cumpre nobilitar, e por isso não posso ficar indiferente perante a attitude de VV. Ex.^{as}.

Não venho fazer-lhes um pedido de rectificação;... venho pedir-lhes um exame de consciencia. Poderia provar-lhes, se quisesse, com a citação de livros autorizados de história e de literatura, que não figuro apenas nos etcoetera das reticências dela, mas que o meu nome, justamente ou não, é ali citado sem ironia e com todas as suas letras. Poderia demonstrar-lhes que entre a minha obra e a de muitos outros que me atacam há a diferença essencial que enfrento corajosamente as fúrias da multidão para tentar educá-la, ao passo que outros a lisonjeiam nos seus piores defeitos para colherem a simpatia fácil que dessa obra educativa lhes advém. Mas limito-me a afirmar-lhes que jamais em minha vida pretendi ser mais do que sou, jamais solicitei e nunca aceitei posições ou benesses que me não pertencem, e que, por exemplo, instado uma vez para aceitar sem concurso um lugar para o qual aliás tinha habilitações officiaes, fui mais tarde justificar com provas publicas a nomeação, que arriscava, se nesse concurso não vencesse.

Como professor de estetica e de história de arte que fui durante alguns anos, podia ter mandado imprimir e ter vendido as lições que dei manuscritas aos meus alunos. Como professor de filosofia geral, que em vários anos lectivos tenho regido, poderia ter escrito não só a minha estetica mas a minha psicologia também. Nunca o fiz em obediência a um plano de trabalhos que me ordena a renúncia a glória fácil de me ocupar de assuntos para os quais só me considerarei suficientemente preparado — se conseguir chegar ao fim — depois de nos meus «Como eu vi...» ter visto pelo menos os principais países do mundo culto e os seus homens com todas as suas manifestações culturais. Podia realmente durante os três anos em que fui crítico teatral de todos os trabalhos teatraes de responsabilidade do mais cotado jornal portuense, ter pedido não só as honras que VV. Ex.^{as} me oferecem como outras compensações mais valiosas, tanto mais que a mim vieram recomendados, durante esses três anos, os principais artistas, que nessa época passaram pelos nossos theatros e pelas nossas salas de concêrto. Mas ao todo, que me lembre, reclamei uma entrada para um estudante que certa noite me esperava à porta do «S. João» para me dizer que queria assistir à ópera e não tinha dinheiro para comprar o bilhete. Quem assim tem procedido, — e não recia que lhe provem o contrário — numa época em que

geralmente se procede de outra forma, julga-se com direito à consideração dos seus contemporâneos. Não mendiga lisonjas, mas exige respeito.

Sei que tenho por ui vários inimigos. Mas diz-me a consciencia que é ao meu excesso de modéstia, sobretudo ao meu desconhecimento de categorias que devo os principais: — antigos colegas da mais variada proventência a quem lealmente acolhi como de igual para igual; antigos alunos a quem sempre tratei como simples companheiros de trabalho; antigos camaradas da imprensa ao lado de quem me sentava à mesa da reportagem, mesmo quando me era reservado um gabinete especial na redacção; em suma pessoas a quem dei uma confiança que mais tarde provaram não merecer. Razões legittimas de má vontade ninguém até hoje mas apontou: tenho sido prejudicado; nunca até hoje prejudiquei ninguém; tenho sido tratado com deslialdade, jamais tratei deslialmente alguém.

¿ Tem defeitos a minha obra? ¿ Não é sempre exacta a minha visão? ¿ Comete imprudências a minha ansia de verdade e de perfeição? — Seja assim, e corrijam-me esses defeitos, castiguem implacavelmente as imprudências que cometo. Ninguém terá mais vontade que eu de progredir e se aperfeiçoar constantemente. Mas respeitem o que há de respeitável em quem tem mantido através duma vida difficil, dificultada propositadamente pelos outros e até pelo próprio na sua ansia de perfeição, esta probidade que a ninguém reconheço o direito de amesquinhar.

Ao contrário do que VV. Ex.^{as} podem supor, os jornais humoristicos vendem-se em Portugal, como em todos os países cultos, sem precisão de sacrificarem ao mau gosto dum

público prevertido o prestigio de nomes conhecidos por serem nomes de quem trabalha. São prova evidente do que afirmo o «António Maria», «Pontos nos ii» a «Paródia» dos saudosos Bordalo Pinheiro, «Os Pontos», o «Charvari» e tantos outros. Nessa casa deve haver com certeza inteligências capazes de fazerem humorismo puro, e serei eu o primeiro a achar-lhes graça. Mas da forma por que o tem feito comigo é que não, e contra êle protesto em meu nome, e no nome duma classe, da qual sou um dos representantes mais modestos.

Creia-me de V. Ex.^o Ven.^o Mt.^o Af.^o,
Carlos Santos.

Pôrto, 1933 Março 16.

Nunca foi nosso propósito alimentar uma campanha que iria colocar em gros-plan um distinto professor da nossa terra; mas não podemos deixar que os nossos leitores comentem como entendam a carta acima, reservando para nós o tripeirissimo direito de defender a nossa cidade e os seus habitantes de facto e de direito, das alfinetadas que lhe deem.

Procurem na grande
Livreria Editora de

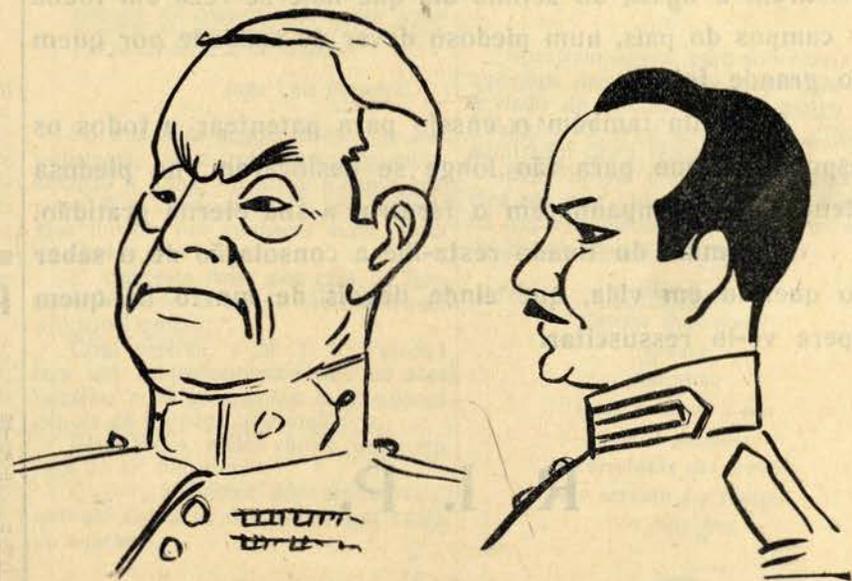
A. Figueirinhas, Limitada

todas as obras de

MARDEN

o grande filósofo criador da paz de espirito
e educador de vontades.

Portugueses que foram a Vigo



Maestros Fão, da Banda da Guarda Republicana de Lisboa e Armando Fernandes, da Banda de Sapadores dos Caminhos de Ferro.

BOLA

AO



CENTRO

Uma carta

Dum nosso amigo que se ocultou pelo pseudónimo de Ruy, recebemos a carta abaixo que nos enche de orgulho pela certeza que nos dá de não haver agora quem possa duvidar da existência do *Ecos de Cacia*.

Esta carta, melhor que nós serve para desvanecer, no espírito dos nossos prezadíssimos leitores, alguns resquícios de dúvida que ainda mantenham. Ei-la:

Sempre Jovem MARIA RITA:

Tu não me conheces. Contudo, eu sou um teu admirador, desde que inundaste a velha cidade do Porto com essa jovialidade que te é característica e a candura do teu olhar — sempre pronto a ver o que se passa, o que se diz, o que se conta por esse mundo de Cristo. E, depois, como não tens papas na língua, entregas-te a humorizar os factos que se desmornam de semana a semana, ante o gáudio dos que admiram o teu desassombro.

A gravura que publicaste do já tão famigerado «Ecos Of Cacia» foi o teu grande triunfo. Confesso: duvidava das notícias que inserias nas tuas páginas, em linguagem mais de café; porém, essa dúvida desvaneceu-se ante a prova flagrante que apresentaste e, assim, si te peço desculpa por não ter acreditado nas tuas afirmações — que, afinal, eram verdadeiras. Cumprimentos do teu admirador,

RUY.

A Patifa...

Que enganadora vem a Primavera!
Com seu ar de malícia, sorridente,
Pra melhor iludir depois a gente,
Vem com pés de lã, esta megera.

No ano que findou, grotescamente,
Vinha Ela a chorar lágrimas *bera*,
Este ano não chora, mas vem fera
A ralhár, a ralhár, constantemente.

Porém, como caminha pra' velhice,
Eu cá não ligo meia a tal perrice...
Embora se convença que me logra

Com este vento brando, em pantufas,
Que me faz recordar algumas *bufas*...
Que dá depois da ceia a minha sogra.

ALVECOS.

Papelaria MARIZ

53, Rua das Oliveiras, 55 — PORTO
(Junto ao Teatro Carlos Alberto)

Bons papeis de carta, 50 folhas e envelopes, caixa a 2\$20, 2\$30, 3\$00, 3\$50, marca Tango a 4\$20, outros a 5\$00, linho finissimo a 6\$50 e 8\$00. Papeis de fantasia, lindissimos, desde 6\$50 a caixa.

Cadernos para estudantes da Universidade, Liceus e Institutos, em quarto, óptimo papel, de 20, 40, 80 e 100 folhas a \$50, 1\$00, 2\$00 e 2\$50, com lindas capas em cores.

Façam as suas compras, sem demora, que protegem os seus interesses.

3 a 0

Vitimado por uma cruel doença, a que já fizemos velada referência no nosso último número, faleceu no passado domingo o FOOT-BALL NACIONAL.

MARIA RITA, que era das relações do saudável extinto e sempre o tinha acompanhado vaidosamente, cumpre o doloroso dever de participar às pessoas suas amigas e conhecidas o infausto acontecimento, e roga a todos o favor de assistirem à missa do sétimo dia que hoje se reza em todos os campos do país, num piedoso dever de saudade por quem tão grande foi.

Aproveita também o ensejo para patentear a todos os desportistas que para tão longe se deslocaram, na piedosa intenção de acompanharem o féretro, a sua eterna gratidão.

A família do finado resta-lhe a consolação de o saber tão querido em vida, que ainda depois de morto há quem espere vê-lo ressuscitar.

R. I. P.

DESCANSO SEMANAL

Manta de farrapos

Nesta vida de jornalista, embora praticando um jornalismo difícil e desprezado pelos que possuem a carteira, há dias em que todos os dissabores passados são bem pagos, e tôdas as arrelias sofridas são recompensadas.

E dizemos isto apenas em ocasiões felizes! Tivemos uma delas ontem ao abrir o correio. Calculem V. Ex.^{as} que nos chegaram nada menos que oito cartas, de amigos, de admiradores, ou de simples cultivadores da asneira alheia, contendo um recorte igual mas de variadíssimos jornais. Nomeamos apenas o «Século» e o «Correio do Minho», por ser destes o maior número recebido. E' claro que, se isto nos agrada pelo recorte que é *caciano* de todo, agrada-nos mais ainda pela demonstração do interesse levantado em tôda a gente pela nossa página do Descanso Semanal.

Ele aí vai:

Num dia de Noivado

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Rui Araujo de Padua

O meu cerebro, que vive serranamente, condensa milhares e milhares de ideias, só uma invencível, que o conduz á felicidade, nascendo para o amor que, como a Margarita da bondade que rejulge bela por entre diademas de virtude, exornando caracter tão impoluto, ha de perdour minha ousadia, mas vou felicitá lo.

Hora grandiosa, sem divisão de fronteiras, é aqui, na constituição da familia, sim, dos filhos do povo que eu o desejo, como prototipo do homem de bem.

São datas que passam e oxalá já matas voltém, motivo por que o abraço

O seu dedicado,

Alvim Barroso.

Terras de Bouro, 30/3/

Repararam? Isto além de ser um amontoado de «Ecos» sem tom nem som, é um rosário de fantasmagorias. E' a primeira vez que assistimos a um brinde ao próprio cerebro, *a-pesar-do cujo viver serranamente*. Sim, porque o primeiro período nada mais é do que uma ode ao cerebro do sr. Alvim Barroso, o tal homem que deve habitar próximo da lua com certeza, e se tem cerebro ninguém o viu de-certo.

Trata-se, como vemos pelo título, dum dia de noivado! Mas sendo assim, não poderá deixar de haver *divisão de fronteiras* por mais grandiosa que a hora pareça!... A não ser que o sr. dr.... queira dar *raia!*...

Quanto ao quantitativo das asneiras, que os nossos leitores se entretêm a contá-las, porque a nós vai-nos faltando o tempo.

Cumpre-nos agradecer aos remetentes, salientando entre elles, um nosso *humilde assinante*, o Tripeiro de gema, um anónimo, Mansaraz e Ruy.

Agora um outro comunicado que veio no jornal de Barcelos «O Barcelense». Este é admirável de forma!... Iríamos apostar como o seu autor já partiu de longada por esses mares de Cristo até às sacrossantas terras de Vera Cruz, onde viceja a palmeira, canta o sabiá e são insultados os portugueses com a mesma disfaçatez com que um mau filho esbofetia o pai.

A's autoridades

... Sr. Director do Jornal «O Barcelense»

Meu muito presado amigo e visinho:

Venho pedir-lhe um cantinho do enorme espaço, que em seu jornal é reservado ás reivindicações publicas e aos melhoramentos da nossa terra, para chamar a atenção de quem compete pôr cobro ao grande numero de cães que vaguem pela cidade e evadem os estabelecimentos duzias d'elles, e só pela violencia se despõem a abandoná-los, latindo, o que muitas vezes pôde provocar comentarios desfavoráveis de qualquer transeunte, ou protestos de qualquer membro da Sociedade Protetora dos Animaes.

Creio que já é tempo, e as autoridades estão providas de meios para me poupar estes incomodos, que são extensivos a outros commerciantes, que também se lamentam.

Tambem chamo a atenção de quem compete, para a grande velocidade com que os automoveis passam na rua Barjona de Freitas, onde, pela forma da pavimentação, levantam grandes nuvens de pó, que se vae poisar nos estabelecimentos, que nesta rua representam todo o ramo da alimentação publica, pelo que se torna duplamente perigosa e impertinente tal transgressão das leis em vigor.

Como estas reclamações não trazem aumento de despeza, espero que sejam tomadas em consideração e pela publicação desta, desde já me confesso

João Luiz Ferreira.

Só nos falta depois disto, que nos informem, se o reclamante pagou o anúncio á linha, ou se foi a título gracioso. E se dizemos isto, é porque estamos mortos por conhecer mais «Ecos de Cacia».

E' que esta coisa dos cães de Barcelos *evadirem* a cidade não lembra ao próprio Damião!...

Com certeza, o sr. J. L. Ferreira tem um estabelecimento que os cães *evadem*, e só se *despõem* a abandonar depois de tratados pela violencia.

Deus fê-los, e eles vão-se juntar em casa do sr. Ferreira!...

Quanto á poeira dos automóveis, isso até lhe deve dar prazer por causa do açúcar!...

Agora um bocadinho de oiro do correspondente de o «Comércio do

Pôrto» na risonha Vila do Conde, um émulo do «Damião de Cacia».

Eu confesso francamente que nunca deixo de ler, neste jornal, as correspondências desta importante vila. São um mimo de graça e de beleza... de hortaliça.

Leiam este niquito, façam favor.

.....
— Devido a uma queda das escadas da sua residencia, tem estado doente com uma entorce numa mão o nosso querido amigo sr. José Maria Pereira Sobrinho, decano dos ourives de Vila do Conde e amigo da sua terra Faz-nos falta a sua agradável companhia, pelo que fizemos muitos votos pelas suas rápidas m. thoras.

Mãe é filho encontram-se bem. Estimamos. — L. M.

Disto tudo depreende-se que o sr. J. M. Pereira ficou muito combalido com o facto de lhe caírem as escadas, e que o correspondente do «Comércio» lamentava o sucedido apenas pela falta que lhe fazia o convívio do sr. Pereira.

Agora o que nós não somos capazes de compreender, é o que terá a mãe e o filho com o caso! A não ser que um e outro se conservassem no primeiro andar quando caíram as escadas, e lhe tenha sido ministrada a comida por meio de foguetões dos Bombeiros Voluntários, e estejam á espera duma dedicação maior para baixarem até ao rés-do-chão.

Mas quando é que os nossos jornais com responsabilidades, saberão pagar o suficiente para terem um quadro redactorial que os não envergonhe?!...

Apreciem agora, para sobremesa, o que lhes damos abaixo e que nos foi enviado de Aveiro, por um amigo da MARIA RITA e porventura grande admirador desta secção.

Este nosso correspondente participa-nos que viu o que abaixo segue, na frente duma barraca durante a feira de Março, realizada nessa cidade:

Exposição da Cascata Monumental

Grande

Maravilha

Onde se revela a arte gosto e paciência

A coresidade dos grandes e o encanto das creanças

Ver para crer



COMO EUVI... VIGO

A calle Gallan — O Hotel Moderno — A mostra do Café Moderno — O espanholismo dos portugueses — Grande rebaja de preços — Um sorvedouro de pesetas — Os nossos artistas e a Bandalá — A Exposição.



O ilustre escritor Dr. Joaquim Manso, que evocou numa conferência de belo recorte literário, a figura de Ramalho Ortigão. MARIA RITA, que assistiu à brilhantíssima dissertação do seu ilustre compatriota, sentiu-se orgulhosa de ser portuguesa.

VIGO é uma cidade. Nisto não lhes dou novidade. Em Portugal estuda-se geografia... Pôrto de mar de encantadora beleza, Vigo é uma cidadezinha alegre, viva, que desagua todo o seu movimento na calle Firmin Galan, de bom pavimento acimentado, pálido pelas milhares de de pés que ali passeiam.

Há af de tudo, desde o militar sem graduação às rapazas galegas de admirável beleza graduada.

Os soldados nem mesmo de chumbo, não são a minha especialidade...

As rapazas, sim... ao menos para admirar com os olhos.

Que lindíssimos *morceaux de lui!*

São tantas, tantas, e tão formosas, que estou em crer que Vigo é a única cidade do mundo para onde uma mulher desconfiada e zelosa pode mandar tranqüillamento o seu marido... E' que uma pessoa não tem tempo de se fixar num só exemplar! Não há como a fatura para estragar o apetite...

Digo-lhes apenas isto: desejaria ser pai dos 50.000 habitantes de Vigo!



E sê-lo-ia, de um trago, *si no fuera que poderia interromperse el transito... Caray!*

O Hotel Moderno, em que me hospedo, é, segundo a indicação segura do título, o mais antigo e acreditado.

Luxuoso e confortável como uma viúva com quintas no Alto Douro, o Moderno pela insignificantiíssima bagatela de 20 pesetas, dá-nos quarto, almôço e jantar.

No quarto está incluída a cama...

Um pau por um olho, ou *un morceau de bois par un oeil*, como diria Calino em França.

No café Moderno, nos baixos do do Hotel do mesmo nome, actua, vá de espanholismo uma orquestra de senhoritas...

Durante a *Semana Portuguesa* apresentaram-se as *señoritas* garridamente vestidas com os côres das bandeiras espanhola e portuguesa. Espanholas por patriotismo da cinta para cima e portuguesa da cinta para baixo. Não são bonitas, mas como aos portugueses cumpria admirarem o verde e vermelho da saia, tudo correu admiravelmente. Da cinta para baixo todos somos parecidos...

O Leitão de Barros, que aqui veio com os mancebos rigorosamente vestidas de deliciosa garotice: olha, aquelas senhoras estão vestidas de bandeira à moda do Minho!

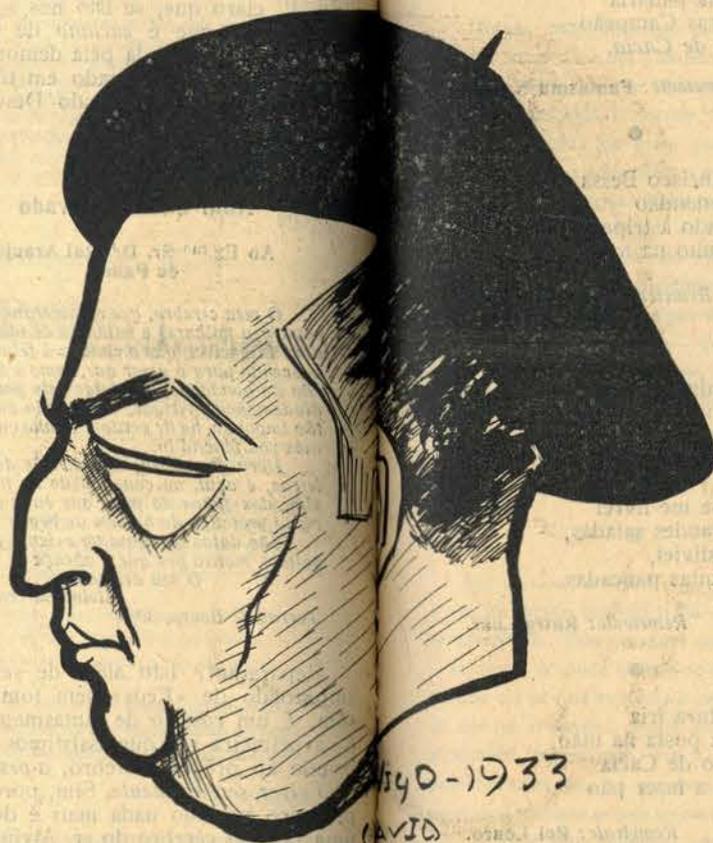
No Sábado passado, chegava a gente a ter a impressão da invasão da Galiza pelos portugueses. Eram tantos e tão conhecidos, que o Carlos Lelo na sua *verve* de sempre, nos perguntou se tínhamos visto alguém no Pôrto.

Em tôda a parte, por muito que pese ao sr. Carlos Santos, se viam portugueses que não apalpavam nada a ninguém, e diziam o seu *piropo* mais ou menos bem arquitectado.

Um ouvimos nós, que em meio da

Calle Galan, dizia alto e bom som que se a mirada de uns certos olhos o trespassassem mais um *ratito*, nunca mais iria a Avintes nos dias da sua vida.

Os nossos artistas também vieram



rigas lá da terra ao mirarem o seu retrato espalhado em todos os bons estabelecimentos, diziam amarguradamente:

— *Que lástima! E's francês!...*

Também o Gastão Mineiro, legítimo representante das tripas, viu o seu nome

A MARIA RITA orgulha-se de ter ouvido as melhores referências a tôda a comitiva.

A Exposição é que era pequenita. De tal forma, que foi preciso alargá-la até à Baía com uma visita ao cruzador Miguel Cervantes.

Vinhos Borges, Vinhos Morgado, alguns produtos coloniais e o túmulo de um livreiro com a respectiva estátua jacente. Uma pena, mas foi assim mesmo.

E se não fôsse a gentileza dos Borges e do Morgado, pondo à disposição dos visitantes os seus cálices famosíssimos, aquilo acabava desgostosamente. Desta forma, não, porque, quem bebia, passava a ver dobrado.

Agora a resenha dumena passada na estação de S. Bento no último sábado:

Na bilheteira, onde estava de serviço uma galante empregada da C. P. Chega-se à beira do *guichet* um entusiasta do foot-ball e pede:

— Eu quero um *Bigo*.

A empregada corta o bilhete, recebe a massa e atende o cliente seguinte, um malandrão, com olhos gaia-tíssimos.

— E o senhor para onde deseja?

— Cá por mim, quero uma estação mais abaixo...

errado. A êsse chamaram-lhe Gastão Abineiro!...

A pesar disso, ninguém se enganou, porque todos se lembravam da sua estada triunfal quando foi da visita do Orfeão Lusitano.

Quanto às nossas bandas, mostraram em Vigo o que valiam. E se alguém disser que aquilo foi um concêrto, erra por gosto. Aquilo era obra feita e bem perfeita.



Um paisano galego

bendo patavina do que dizia o meu amigo, saiu-se com esta:

— *Hable V. portugués, caballero, porque su castellano eres cerradísimo y yo no lo comprendo!*

A respeito de preços, não lhes digo nada. Aí vai uma para amostra. Contou-me meu irmão Armando, que aqui vim encontrar:

Dois dias antes da *Semana Portuguesa*, uma casa da *Calle Gallan*, tinha na mostra as características gorras bilbaínas ao preço de 3,50 pesetas. Pois no dia em que se iniciou a *Semana*, com um grande letreiro em que se lia êste verso formidável:

Grande rebaja de precios!

as mesmas bilbaínas custavam 5 pesetas.

Pelo que, meus ricos senhores, a *Semana Portuguesa*, não passou da *Semana do Comércio de Vigo!*

Mas isto é o prólogo...

Se estiver de bôlha, e tiver tempo, digo o resto...

Preparem-se.

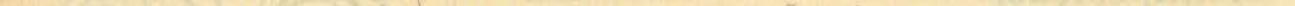
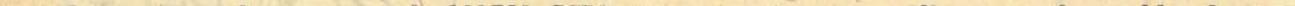
Ponto por hoje.

Cararerò! — *una guita de Manzanilla!*

Octávio SÉRGIO.



A Q U I J A Z


Continuação do concurso da MARIA RITA

50\$00 ao melhor epítáfio publicado


Aqui jaz prima Ernestina
que talvez por culpa sua,
se perdeu inda em menina
quando passava na rua.

Passou a vida à procura
de quem a quisesse achar
...inda aqui na sepultura
a vieram enterrar...

Remetente: Carlos Elmano.

Aqui jaz a costureira,
Miquelina Rosa Pinto;
Morreu c'uma bebedeira,
De vinho maduro tinto.

Remetente: Fantasma Negro.

Aqui jaz ó minha gente
Se isto não é desprimor,
A musa de um concorrente,
Com dois votos de louvor!...

Remetente: Delfim de Freitas.

Aqui jaz o oculista
Camueca Kiles Kamanho,
Fabricante e grande artista,
De óculos de aro castanho.

Remetente: Delfim de Freitas.

Nesta cova funda e fria
Como qualquer cidadão
Jaz o *Ecos de Cacia*
Das asneiras Campeão.

Remetente: Monteiro II.

Aqui jaz a minha sogra
— Mulher de horrenda figura,
Foi pena não ter baixado
Há mais tempo à sepultura.

Aqui jaz a minha sogra
— Mulher baixa e ordinária,
Comia quanto eu ganhava,
Tinha a bicha solitária.

Aqui jaz a minha sogra
Imóvel neste caixão;
Que por ter comido muito
Morreu duma indigestão.

Remetente: (?).

Aqui Jaz o Damião
Que deu eco em Portugal,
De cócoras no quintal
Deu um grande trambolhão.
Ficou com o coração
Rachado ao meio; coitado;
Este pobre desventurado,
Que baixou à campa fria
Deixa nos *Ecos de Cacia*
O seu nome escrevinhado.

Remetente: Octávia Maria.

Aqui jazem: Damião — parolo-mor —
E os seus compinchas do *Ecos de Cacia*.
Jazem todos, em boa companhia,
Como amigos fiéis... da mesma côr...

Morreram fulminados de terror
Nascido das lunetas da MARIA!...
Pobres entes! Não era a terra fria
Que mer'ciam!... Sobreiro era melhor,

Por quererem brincar com a tripeira
MARIA RITA, a velha tão brejeira
Que êles julgaram ser alguma sostra...

Mas...—coitados!—morreram!Quetristezal!
— O' *Ecos de Cacia!* Agora, reza:
"Requiescant inpace! Pater-Nostra..."

Remetente: M. C. Pereira.

Aqui jaz o Garatuja
Que é de-certo um porco eterno;
Viveu sempre na imundice
Onde a Morte o foi buscar.
A sua alma ia tão suja
Que quando chegou ao Inferno
Logo o Diabo lhe disse:
"O' filho vai-te lavar".

Remetente: Quim Grande.

Aqui jaz (em campa fria):
Pér'la Verde e Damião,
Grandes heróis de... "Cac... ia"
— Qual dêles mais tolleirão.

Remetente: Minqajo.

Jaz aqui o Damião
Que teve uma padaria
— Das asneiras Campeão —
Lá nos *Ecos de Cacia*.

Remetente: Fantasma Negro.

Aqui jaz Francisco Bessa
Sapateiro remendão
Morreu pegado à tripeça
Com o seixinho na mão.

Remetente: Quim Grande.

Aqui jaz a minha sogra,
E ao lado minha mulher.
Enterrei-as inda agora!...
Já nem me lembro sequer.

Só por morte me livre
D'aquelas grandes safadas,
E as costas aliviei,
De tantas, tantas pancadas.

Remetente: Rutra Luar.

N'esta sepultura fria
Co'uma cruz posta na mão,
Jaz o Damião de Cacia
Que morreu a fazer pão

Remetente: Rei Louro.

Aqui nesta campa nova,
Jazem quatro camponeses,
Que hão-de viver nesta cova
Tôda a vida e mais seis meses!

Remetente: Zeca Sant'ana.

(Continua).

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11—PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Está um dia lindo, lindo, lindo, destes dias em que apetece gritar, saltar, ter asas, dar flor, apanhar uma desbragada bebedeira de azul! Se eu pudesse, espetava no céu o bico sófrego da minha caneta tinta, e enchia-a de luz para escrever-te. Detém-me o mêdo estúpido de que tu não percebeses a carta... E, para dizer tudo, também me prende a maguada convicção de que braços de gente não chegam ao céu.

Ontem, num momento de loucura e de -pressa, fui pedir a um bilheteiro da estação do Cais do Sodré que me trocasse 100 mil reis. Trocou, em miúdos. E deu-me, entre êsses miúdos, uma moeda de prata que afinal era de chumbo. Tenho-a aqui sobre a minha mesa, com a sua caravela de velas enfunadas, e o seu ar de honestidade que não resiste ao embate com uma superfície de pedra. Eu não sou própriomente mesquinho, em questões de dinheiro. Mas faz-me tanta raiva que me comam por tólo, como o fez aquele mimoso funcionário, — que só se eu não puder é que eu não impinjo esta rodela de chumbo ao primeiro papalvo que seja tão papalvo como eu o fui. Em acabando esta carta vou areá-la com o pó das facas, — a ver se pega melhor.

Foi horrível, o desastre do dirigível *Akron*, e não foi menos horrível o do aeroplano *<City of Liverpool>*. Estes grandes desastres aéreos, — se assim se pode chamar-se-lhes — põem os cabelos em pé pela violência e pelo irremediável de que se revestem. «Entre mortos e feridos alguém há de escapar», era a velha porta de probabilidades que os receosos abriam à sua esperança, quando se metiam em altas cavalarias. Ao embarcar num daqueles mostrengos, teem os tímidos de procurar outra válvula; — eu já voei, e até já mergulhei num submarino, o velho *Espadarte*. Tenho portanto autoridade para dizer isso: — a melhor válvula, chamemos-lhe assim, é ainda um combóiozinho ronceiro, destes que passeiam pelas linhas, ao sabor de uma locomotiva pachorrenta e sequiosa, a decilitrar em tôdas as estações.

Parece que os Estados-Unidos, à semelhança da Inglaterra, desistiram de construir mais dirigíveis. É um sonho que termina. O «mais pesado do que o ar» vence, em tôda a linha, — à custa de muitas vidas humanas. O Supremo Architecto deixa assim de fumar charutos. Oxalá se cure da

famosa catarreira que apanhou, logo ao princípio, neste doce Século XX.

Não imaginas, aliás, que eu sou antipacifista. Nada disso. O que me parece, é que é um erro de visão começar o desarmamento pelos navios de alto-bordo. Devia começar pelas espingardas caçadeiras, e pelas pistolas automáticas. Enquanto fôr licito matar seres vivos com um cano de ferro em que se metem explosivos, não há leis nem pacifismos que impeçam que, — quando der na tineta a quem dispõe do referido cano — o ser vivo a abater dos efectivos vitais seja... qualquer cidadão. Uma guerra não é mais nem menos do que um desastre com armas de fogo...

Os nossos jogadores foram a Vigo e vieram de orelha murcha; os criticos divertem-se agora a explicar os motivos da derrota, coisa que interessa pouco e que, palpita-me, ficará sempre por explicar cabalmente.

Recebidos com extremo de carinhos e de entusiasmo, parece averiguado que muitos dêles emagreceram a olhos vistos, durante a sua permanência em Espanha, — a pesar de larga e generosamente banqueteados. Cuido que na causa dêsses emmagrecimentos se encontraria a causa, ou uma das causas, de uma derrota que ultrapassou o que se previa... Seja como fôr, é pena que os 11 de Espanha não iguallassem os 12 de Inglaterra... Fala-se, agora, em que vão a França. Eu não percebo nada de desporto, mas ousa sugerir aos organizadores da prôva que façam treinar os nossos campeões... no deserto do Sahará, — desembarcando-os de um avião, no campo onde tiverem de jogar, com cinco minutos, — o máximo — de antecedência.

Dispõe do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Décimas... dentro do praso

Antes de ser...

No Tejo, que se enfeitou
Com as mais garridas galas,
Por entre festivas alas,
O *Gonçalo Velho* entrou.
Um tipo que o admirou
E em tudo mete o bedelho,
Tocando-me num joelho,
Disse: — Intrujaram o povo,
Pois deram-lhe um barco novo,
Que, ao nascer, já era... *Velho!*

Tacadas...

Fui há dias ver dansar
Uma pequena liró,
Que pertence ao Tróóló,
Chamada Antónia Bilhar.
Vendo-a saracotear.
Com um par de castanholas,
Eu, que não sou de graçolas
Chouchas, não pude deixar
De dizer: — Belo *bilhar*
P'ra fazer girar as bolas!..

BISNAU.

Entre dois petizes

Dizia um pequenito para um seu amigo:
— O teu pai é um grande avarento.
— Porquê?
— Porque é sapateiro e tu trazes êsses sapatos rôtos!
— Maior avarento é o teu que é dentista e o teu irmãozinho só tem um dente.

Soneto

De côco e fraque e calças de cotim,
Mui alto e magro, um todo que arrepiã,
Ele é da asneira o béléco clarim,
Ele é senhor do *Ecos de Cacia*.

Eu vejo-o ao longe, em traje de arlequim
Olhar altivo e forte em energia,
De braço dado ao pobre do pasquim
Com ar de triste e parva acefalia...

Horrendo e fero, atrás, Pérola Verde,
Poeta e tólo e rei no ganha-perde,
Sombra fiel dum tal fiel patrão...

Trotam os dois ao som duma batuta.
Lembrando o seu irmão, pobre recruta,
Que com dois pés, trazia as mãos no chão...

P. B.



Enigmas em verso

(1)
Exclamação mui vulgar
Quando a coisa cheira a esturro,
Já ouvi muito casmurro,
Bastas vezes a gritar.

Leitor, desata êste nó
Tem duas sílabas só.

E' **M** a primeira letra
Das cinco que ela dá;
Terça **R**, última **A**,
Se o leitor se compenetra.
Verá logo em dois instantes
Que as outras são consoantes.

Já foi dita nas batalhas
P'ra arreliar o parceiro.
Leitor, vê lá se te espalhas.
Só te desejo à cabeça
Que a mates mui depressa.

Migue-Linho.

Charadas em verso

(2)
A Zefa, a Zefa querida,
Já de mim não quer saber,
Quando me vê na Avenida,
Manda-me logo... esconder!

Ser p'ra mim mais carinhosa,
Era a sua obrigação; — 2.
Se se lembrasse a vaidosa,
Dos tempos que já lá vão...

Porém, *ela* quis quebrar — 1
As juras que então me fêz,
Pôs-se a menina a cavar
P'ra casa doutro frequê!

Pensei nela um ano inteiro
Fui *indivíduo* casmurro!
Bem diz «Cagancho» brejeiro:
— A pensar morreu um burro!

Olegna.

(3)
Esta coisa que aqui tenho, — 2
P'ra beber é um regalo; — 1
Deu-m'a o José Seromenho
Que é um amigo de estalo.

Zé Cagancho.

(4)
Todos tamos certamente — 1
Determinada gordura, — 2
Quem diz o contrário mente
Com tôda a descompostural!

Colegas meus podem crer
Que não é uma ilusão
Tôda a gente o pode ver
Quando vai à inspecção.

Rei das Musas.

Enigma figurado

(5)

BI Animal

Zé Cagancho.

Novíssimas

(6)
Naquele lugar, está a *dextra* de um
estrangeiro — 2-1.

Rau, Alex.

(7)
O *pronome*, antigamente, aprendia-se
na escola. — 2-2

Zé Cagancho.

(8)
Já me servi do *chapéu*, para *comer*
um *bom bocado*. — 2-2.

Zé Cagancho.

(9)
Tomba o perfume no empregado.
— 1-2.

Ohnidog.

(10)
Se fôres capaz de *fixar* o nome
desta *mulher*, dar-te hei um *agasalho*.
— 2-2.

Rau + Alex.

(11)
Na *cabeça* do Pérola vê-se o *baluarte*
de um *homem*. — 1-2.

K. H. I. (Pro Ecos).

(12)
Olhei no palco a mulher. — 1-2

(?)

(13)
Temos uma linda *ave* nesta *terra*
portuguesa. — 1-2

Ohnidog.

(14)
(Aos confrades de Penafiel, pedindo-lhes
para colaborar nesta secção:)

Um certo *dia na França*, por uma
bagatela fiz uma expedição à *Suíça*.
— 1-2.

Oinotna.

(15)
Você tem a mão tão *gelada*, que
até faz *pena* não ter *descanso*. — 2-1

Rau, Alex.

(16)
(Ao Dr. Casto, com vénia:)

Dizem que V. *cura* a *morte* do
homem. — 2-1.

Só Darco.

(17)
O *ouro francês* está tão liso, como
aquela *aeronave* — 1-2.

Rau, Alex.

(18)
Entrega a nota do João, ao padeiro
do Ecos. — 1, 1, 1

Ohnidog.

Sincopadas

(19)
Não sei se terei *tempo*, mas espero
chegar a *boas horas*. — 3-2.

Lérias.

(20)
Damião e Pérola Verde são um *par*
de asnos, que não valem o *restolho*
que comem! — 3-2.

Reirobi.

Maçada geográfica

(21)
RODE DE CACIA AV MOLES
Rei Robi.

Provérbio a adivinhar

(22)
Encontrei o Jeremias
Um amigo verdadeiro,
Há de haver uns quatro dias
A discutir co'o barbeiro.

Como sou mui curioso,
Preguntei: Há novidade?
E diz-me êle furioso:
— Você conhece o Trindade?

— Conheço; quem não conhece,
Essa *prenda* burriral?
— Pois saiu-lhe a sorte grande,
Num bilhete do natal!

— Que grande admiração!...
O brutinho viver deixe,
Porque lá diz o rifão:

Rei das Musas.

Quem é?

E' mulher e das bonitas
E como tôdas maldizente,
Tem uns olhos mui catitas
E um ventre proeminente.

E' muito alegre a magana
Dinheiro pouco consome,
Um escudo por semana
E ao jornal empresta o nome.

REIROBI.

Decifrações do número anterior — *Quem é?*
Carolina Homem Cristo; *Anexim* Cão que ladra
não morde.

Matadores: Lívella, Reirobi, Lérias, Oinotna,
Ricardo, Alves Franco, D. Juan, Rei Louro, Zé
Barão, Delfim de Freitas, Au-Rio, Rutra Luar,
Jaime Vieira Dias, Francisco José Rodrigues,
Constantino Sousa Gomes, Fantasma Negro, Mon-
teiro II, Mário Soares, Horaciano.

As soluções desta secção tem de ser entre-
gues na nossa redacção até às dezóito horas
da terça-feira seguinte.

Posta restante

Miguel Esmeriz Pereira — Obrigado pela
sua carta. Agradecemos também a intenção das
circulares. Mas ficar-lhe-íamos mais gratos se
desse a notícia como coisa da direcção dos seus
jornais. Diga também a direcção das respectivas
redacções para a permuta.

Octávia Maria — Só falta dizer qual o livro
preferido. Aguardamos as suas melhoras e faze-
mos votos para que sejam rápidas.

Três Lagares — Não veio a tempo. Foi
pena! Quanto à entrada... a porta está sempre
aberta.

M. Calarrão — Sai a peça.

Mil Reis — Quando vier ao Pôrto, o que
esperamos com sincero interesse procure o Zé
de Artimanha. Se não estiver na redacção peça
indicações do seu paradeiro. Esta sempre perto...
até à vista um grande abraço.

Paulo Ganimedes — O que mandou não foi
uma anedota. Foi um recorte duma carta. Mande
outras coisas.

Lérias — A célebre crónica tomateira foi
cortada. Obrigado pelo voto.

Um pobre peão que não conseguira
446\$00 escudos para um semestral da
Carris e andar portanto sôbre rails, teve
a desventura de andar sob um que
rapidamente lhe separou um braço do
corpo.

Estabeleceu-se é claro, um grande
pânico e enquanto o condutor e o
guarda-freio fogem, os passageiros gritam,
os polícias apitam e o povo discute de qual
corporação deve vir a maca, se dos Portuenses,
Pôrto, Invicta ou Cruz Vermelha. O pobre do
paciente agarra no braço, mete-o debaixo do
outro (?) e segue para o Hospital. Sobe a
escada, limpa-se da poeira e dirige-se a
uma enfermeira. Aqui tem o meu
braço, a minha mão...

— Perdão senhor, sou casada, não
posso aceitá-la...

— Mas não é aqui a aceitação?...

— E', mas não para homens, queira
passar à ala esquerda.

— Irra... Sou conservador e não
esquerdista.

— Seria, mas já não é... O senhor
não conservou o seu braço, portanto
não é conservador, e tudo quanto agora
fizer é com o esquerdo, já vê... Esquer-
dista...

Chega um enfermeiro da ala esquerda
que lhe toma o braço amputado, e
dando o seu ao único que êle tinha,
acompanha-o ao banco que por sinal
era uma mesa e coloca sôbre ela o braço
enquanto o padecente se senta então
num banco autêntico. Pergunta-lhe o
enfermeiro.

— Vai certamente ver-se a braços
com a miséria, não é verdade?...

— Braços?... Não, senhor enfermeiro;
a braço com a miséria... E' um só!

O enfermeiro, dirigindo-se à mesa
onde estava o braço amputado, endi-
reita os dedos que ainda conservam
alguns aneis, e filosofando diz:

— E' bem certo o ditado: vão-se os
aneis e fiquem os dedos!...

O doente levanta-se do banco e com
os olhos fora das órbitas atalha:

— O caso aqui muda de figura, vão
os dedos e venham os aneis!

Chega a vez do clínico; e êste depois
das perguntas do estilo, nome, filia-
ção, etc., para o consolar diz-lhe:

— O senhor é um felizardo! Dê gra-
ças a Deus...

— Adeus às graças digo eu sen-
hor Doutor... Então sou feliz por ter
perdido um braço?

— Porque podia ter perdido os dois
que era muito pior. Escrevendo, pas-
sados alguns minutos entrega-lhe um
oitavo da certidão de óbito...

No dia seguinte segue-se o funeral

do referido membro, que foi repousar
em jazigo de família, tendo um acom-
panhamento bastante significativo.

Entre vários ramos de flores conse-
guiu ler as seguintes dedicatórias:

Tudo se acabou! Nada... Nada...

Um nadador.

Braços? Para quê? Tudo hoje é à
máquina.

Um operário.

Adeus órgão querido. Lágrimas sen-
tidas.

Uma cinéfila.

Paciência! Ficou o outro...

Sacristão de S. Francisco.

Para que braços... Os pés, os pés
são tudo...

Um futebolista.

Espera aí um grande pedaço.

Teu companheiro.

Notas — O pároco, assim como o
armador fizeram um desconto de 80%
visto tratar-se de um só membro.

A chave do corpo foi para o maneta.
O resto do corpo vai experimen-
tando algumas melhoras.

KONDE.

Vivam! Vivam! Vivam!

* Ao acto plebiscitário concorreram muitas
senhoras, quasi tôdas de idade avançada...

(Dos jornais).

Eu canto aquelas velhas valorosas
Que à Pátria novo auxilio agora dêram!
Magnificas venturas nos esperam,
O' incrédulas gentes lamentosas!

Por magia daquelas mãos rugosas
Na Lysia novos brilhos reverberam,
E as outras gerações jamais souberam
De feminis acções tão prestimosas!

Filipas de Vilhena, Deuladeus,
De Aljubarrota a filha consagrada,
Tôdas grandes, por grandes feitos seus!

Ao pé destas não valem mesmo nada,
Por isso a estas voto os versos meus,
E três vivas levando à tal velhada!

Zé da SÉ.

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

MARIA RITA nos "cabarets" de Paris

Do "Chez Elle" ao "Lapin Agile" — Do Amor pão-pão queijo-queijo à sua estilização — A razão da partida da MARIA RITA

(Conclusão)

Grande boi-borinho. Ela! Passa entre o chilrear daquela população indígena... Tõda Beatriz, ou quero dizer tõda Boyer, e senta-se. O cabaretier dispõ-se a levar a água ao seu moínhõ.

Entretanto fui-lhe bebendo mais cinqüenta francos de champagne depois de os ter estafado dentro da taça com uma piorra. Espécie de *Tira-Rapa-Põe* de longo cebo! Bebi-lhe, e já que estavamos no carnaval, esperei-lhe pela resposta! Não se fez esperar.

O ácido carbónico entendeu que não tinha ali à mão um Alfa-Rõmeu para chegar rápido à meta e eu fazendo-lhe a vontade ergui o pescoço e êle evadiu-se arroteando os ares em procura doutro cometa.

Filosofoei que aquilo é que era dinheiro mal gasto... Afinal sempre foram uns francos pela boca fora, com licença de Vossoriatas... Mas alivia!

Silêncio feito, o finissimo *charmeur* declarou quasi chorando, lamuriento, que assistira a um desastre.

Um triste peão ficará de baixo de um autobus e nem a pele serviria para embalsamar... Veio a mace. Levantaram aquella massa que fora um homem momentos antes e hospital com aquilo! Estava no Banco de serviço o Dr. Alberto Ribeiro de lá e etc., etc. Quando concluiu, o nosso diletante, a risota era geral, e eu de me rir tinha a garganta secca e fui-lhe bebendo mais cinqüenta francos antes que êles se evaporassem todos!!! Anuncia-se finalmente ela! Ela! Levanta-se para se sentar nas costas do piano. Há pianos felizes neste mundo. A uns abrem-lhe a falência em Lisboa, outros acabam por falar ao péso dos encentos duma Lucienne Boyer, como êste.

E a Lucienne, assento assento no dengoso piano anuncia *O Partez Moi d'Amour*. E de facto cõmeça.

O cabelo da Boyer é do género de Josefina Baker. Arratel e meio de pingue neutro e mão por cima e não se pensa mais nisso! O busto da Boyer quando canta *O Partez Moi d'Amour* é de molde a pôr um mortal a boiar... Bebi-lhe mais trinta francos e foram as águas, pois a carne — mortais! — era olhar para ela como a raposa para as uvas.

Um ponto sentado ao pé de mim estava tão embebido na *Canção Doçura* que entornou o *Champagne*, na altura do *Dites Moi Des Choses Tempres* — e afinal foram-no ternas, doces e molhadas, que aquilo era um cheiro a *Champagne* entornado que nem em Negrefos! Muitas palmas — ovação estridente e sem claque! Até parecia a estreia da Satanela! A Lucienne Boyer sorri,

baixa os olhos, fechando os lábios. — Reabre uns e outros e anuncia outra cantiga! Ovações, alegria, etc., em barda.

Ela cantou de rouxinol, de pintasilgo, de rôla, de pèga, de ave do paraíso, e nesta altura foi um sucesso ao rubro! Mais ovações e é neste matraquear de palmas, de bravos e de gestos meio desconjuntados, que o criado, sereno, se aproxima e canta a dolorosa.

Tresentos francos franceses a mil e duzentos e sessenta cada. Paguei como um autêntico andar em pia de procissão e bebi o trõco na taça. Ainda cantou mais e mais até que acabou. No meio das intermináveis ovações à Satanela — se fõsse eu era à Ruth Walden, que tenho um fraco pela estilização na dança. No meio dos aplausos lá vim eu até à saída, na onda humana... onda de nereidas decotadas até onde as costas passam a chamar-se uma coisa muito mais curta.

Barbatânicamente falando, com a nereida Ruth, muitissimo mais Walden nos seus baillados do que Lucienne seria Boyer se aparasse um fandango daqueles!

E, caros leitores, justiça a quem a merece! Nós é que temos de fazer as Boyers, as Luciennes, as Marie Dubas, nós! Porque tão boas, senão melhores as temos. Não as desdenhemos! O seu a seu dono. Preferi produtos portugueses! E depois do espectáculo, bebi vinho do Porto! — Quando mais não seja, cantareis na capoeira!

Os galos querem-se a cantar de crista erguida às galinhas poedeiras. De belas penas emplumadas, macias, quentes, doces, acariciantes e meigas ao cacarejar, deixai que elas cumpram a sua divina missão com a liberdade da época que passa. E deixai que elas vos ponham ovos. Econõmicamente útil em ultteriores despesas com *Nufol*, *Parlax* ou artes correlativas... Surge, porém, o natural aviso de temperança relativa antes que elas cacarejando, vos ponham no prego!

E ainda na pior das hipóteses, para os sentimentais e briosos sebastianistas, antes que tarde, demais saibais que elas já vo-los haviam pôsto e se assim acontecer é estrategicamente a altura de vos perdês a cavar. É a propósito vem a história de *Marie Dubas* no *Molin Rouge*.

Da tristeza permanente inerente das vacas. Há, se bem que não pareça a enorme semelhança entre as susceptibilidades sensuais da galinha e as da vaca, diz-se que ambas se julgam altamente afrodisíacas.

Mas voltando à vaca fria da Marie Dubas... A razão — explicaram-lhe — é simples, a razão

da eterna tristeza das vacas! Para a outra vez o direi...

No fim do espectáculo era a altura da nossa ceia. Compõs-se, como não podia deixar de ser, de vaca, galo e salada de *mayonèse*! Ou havia coerência, ou voltaríamos ao tempo de Calino, hoje de arraias assentes em Cacia, em que êste dizia à mõça, sua fiel serviçal:

— Deita m'hortos na sopa e traz cá a canela!

Foi a altura do nosso Damião ao prová-la sentir-se como em Waterloo e repetir a célebre frase de Cambrone saboreando-a. Que lhe preste.

ZÉ PHYRINHO.

Quadras enxertadas

*Ouvi dizer ao luar
com trinados na garganta,
sem dinheiro não se janta,
e assim fiquei sem jantar.*

*Quisera ser como a herá
pela parede a subir,
e depois de estar lá em cima,
olhar pr'a baixo e sorrir.*

*As ondas do mar são brancas,
no centro são amarelas,
se não quer's ir pr'a os anjinhos
uão te vás meter com elas.*

*Se eu soubesse que voando
alcançava o teu amor,
pedia à mamã licença,
fazia-me aviador.*

*Eu quero que o meu caixão
tenha uma forma bizarra,
e pr'a cobrir-me a nudez
em vez de roupa uma parra.*

*Os seus olhos negros, negros,
são gentios da Guiné.
Sai pr'a lá não m'enfarrusques,
não te chegues cá pr'a o pé.*

TRIPEIRO (de gema).



CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A chistosa comédia *O Escorpião*.

Rivolt: O adorável filme *A mulher do meu noivo*.

Olimpia: Os filmes *Casamento singular* e *Os 4 irmãos Marx*.

Trindade: O formidável êxito *Sanjue vermelho*.

Batalha: A cine-comédia *Deliciosa*, com Janet Gaynor-Charles Farrel.

BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR

CONCURSO DUM BOM JANTAR

Com a cooperação gentil do antigo

Restaurante Madrieno

DA RUA DE SAMPAIO BRUNO

6.ª e última série deste concurso

que serão sorteados pela lotaria do próximo sábado 15 de Abril. Esta diferença de uma semana foi necessária em virtude de reclamações recebidas da província onde há terras em que a MARIA RITA chega depois de se saber o número da sorte grande.

No próximo número faremos as bases dum novo concurso que se intitulará

CONCURSO DA MOLHADURA

e constará de valiosíssimos prémios em géneros de primeiríssima necessidade, podendo desde já anunciar os seguintes: **Uma pipa de vinho, uma arrôba de bacalhau, um presunto de Lamego e uma arrôba de açúcar.** Todos estes prémios serão oferecidos gentilmente pela

Concurso dum bom jantar

6.ª Série Senha N.º

NOME

MORADA

Adega Ideal do Lavrador

elevada desde já à categoria de grande fornecedor da **MARIA RITA.**

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS:
R. do Boimjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cris-
tóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484
L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. de
R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — FOZ
EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação

VEJAM O NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

Visado pela Comissão de Censura